

Júlia Castanha

VILA MINHA PÁTRIA

DO ACOLHIMENTO
AO RECOMEÇO



A História de um Abrigo para
Refugiados no interior de São Paulo

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação
apresentado ao Departamento de Jornalismo e
Editoração da Universidade de São Paulo

**VILA MINHA PÁTRIA:
DO ACOLHIMENTO AO RECOMEÇO**

**A HISTÓRIA DE UM ABRIGO PARA REFUGIADOS NO
INTERIOR DE SÃO PAULO**

Por Júlia Castanha dos Santos
São Paulo
2024

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus pela oportunidade de ter estudado na USP e por ter me auxiliado neste processo.

Aos meus pais que sempre me apoiaram, me incentivaram e torceram por mim.

Ao meu noivo que me animou e me ajudou ao longo deste processo.

E a cada pessoa da Vila Minha Pátria que desde o início se propuseram a me ajudar e me acolheram nos dias que passei ali. Em especial um obrigada a Jennifer e a Débora que foram meu contato direto, e a Ana Cecília que fotografa as atividades da Vila e me cedeu as imagens para utilizar neste livro.

Sumário

Prefácio	5
Prólogo	10
1. Uma Nova Família	11
2. A Pousada que virou refúgio	19
3. Como Gira a Engrenagem	27
4. A medicina da Vila	43
5. Choque de Culturas	52
6. Islamismo, Cristianismo e a Convivência Religiosa	66
7. Brasil: um país de passagem	72
8. Vila Minha Pátria até quando?	80
Epílogo	83
Referências	87

Prefácio

A escolha do tema do TCC foi um processo muito difícil para mim. Eu queria um assunto que fosse relevante, atemporal e que contasse uma história que valesse a pena as pessoas conhecerem, e por isso de imediato descartei a ideia de fazer uma monografia.

Conforme eu pesquisava e lia sobre alguns temas, um assunto sempre vinha à tona: a população evangélica. Por pertencer a este grupo, me incomodava ver que sempre que éramos notícia, era por causa de um fato negativo. E sim, as coisas ruins precisam ser contadas, mas esse grupo também contribui com muita coisa boa para a sociedade, principalmente com trabalhos sociais.

E aqui cabe uma ressalva, embora englobamos os evangélicos como um único povo, eles são um grupo plural, com mais de 100 mil Igrejas por todo o Brasil. Este trabalho, vai falar sobre as Igrejas Batistas, especificamente.

Mas, apesar do desejo de falar sobre esse assunto, eu precisava de um tema específico para abordar. Então, em uma viagem de férias com minha família, estávamos no quarto do hotel assistindo ao Jornal Nacional, coisa que em

casa perdemos o hábito, quando passou uma reportagem falando sobre um novo grupo de refugiados que haviam chegado ao Brasil e tinham sido acolhidos pela Vila Minha Pátria.

Aquele nome ecoou na minha cabeça, eu já o tinha ouvido algumas vezes na Igreja que eu congrego, mas não conhecia nada além de: “um projeto custeado por Igrejas Batistas e que acolhe refugiados afegãos”.

Algumas semanas se passaram, e dessa vez o tema continuou forte na minha cabeça. Mas, antes de seguir em frente, eu precisava saber se a ideia era viável. Então, entrei em contato com o projeto e eles se colocaram à minha disposição, só pediram para ser em alguns dias, pois estavam organizando a festa de dois anos da Vila. Com o aval do lugar, levei a ideia adiante para o professor Alexandre Barbosa e com orientação do professor Vitor Blotta comecei a produção deste livro.

Na verdade, foi só no final de agosto que as coisas começaram a caminhar. Como faço estágio na área de esportes, eu participei da cobertura das Olimpíadas. Com o término do evento, recebi cinco dias de folga e aproveitei para

ir a Morungaba, cidade no interior de São Paulo, onde fica localizado o projeto.

Foram quatro dias que fiquei lá e pude conhecer pessoas, histórias, me emocionar, perguntar e observar. E para a análise ser completa, também ajudei em algumas tarefas, então, entre uma entrevista e outra, lavei louça, salada, banheiro, varri o chão e arrumei camas.

Apesar de ter certeza sobre o tema, eu tinha muitas dúvidas e inquietações sobre como seria o trabalho da Vila, principalmente em relação à religião. Meu receio era encontrar um tipo de serviço de troca "te oferecemos abrigo, e em troca você deve participar dos cultos" e meu trabalho acabar tendo que ter um novo enfoque.

E felizmente não foi o que encontrei. Observando e conversando com as pessoas encontrei um lugar sério, que busca não só acolher os refugiados, mas ajudá-los a recomeçar suas vidas em nosso país. E isso é algo que difere a Vila dos outros abrigos, oferecer um plano de vida para eles.

O projeto é cuidado, sim, por Igrejas, mas pelo que pude observar e ouvir das pessoas seu propósito não é "catequizar"

os acolhidos, e sim “mostrar o amor de Deus através do acolhimento” e amor ao próximo.

Mas que lugar é esse que recebe refugiados gratuitamente, com voluntários e estrutura para ficar pelo tempo que desejarem? Como a Vila Minha Pátria foi construída? Quem trabalha e vive lá? Como ela é financiada? Quais as condições de vida e os sonhos das pessoas que lá habitam? Essas são algumas das perguntas que nos guiaram neste livro.

Para responder essas perguntas conversei com 29 pessoas: 21 voluntários, sete refugiados e com a prefeitura de Morungaba. E me inspirei no livro O Cortiço - obra de Aluísio Azevedo, publicada no ano de 1890 - que conta a história do lugar que as pessoas moram (cortiço), a partir do ponto de vista dos moradores. De forma semelhante, utilizei os relatos dos entrevistados para contar um pouco da história da Vila Minha Pátria.

Então, este livro-reportagem tem como objetivo mostrar como é o acolhimento, seus desafios e dificuldades, e como é a vida das pessoas que se dedicam a cuidar deles. Além de mostrar como é o convívio entre os voluntários cristãos com os acolhidos muçulmanos, dois grupos com religiões

monoteístas e que costumam estar em conflito, mas, como veremos, naquele espaço convivem pacificamente. Por isso, a história individual dos refugiados antes de chegarem ao Brasil, ficará em segundo plano.

Como o foco não é especificamente as pessoas, e sim o abrigo, os entrevistados aparecem somente com o primeiro nome. Essa escolha também passa por uma questão de segurança: a maioria das famílias afegãs é perseguida pelo Talibã, que conhece o projeto e já chegou a realizar ameaças. Assim, para proteger as fontes, os sobrenomes foram omitidos.

Prólogo

Toca o sino, todos param suas atividades e se reúnem em frente ao espaço externo do restaurante. As bandeiras do Brasil e do Afeganistão são trazidas pelos voluntários e erguidas pelas crianças, o sinal é claro: uma nova família está chegando.

Todos aguardam ansiosamente a chegada da van, e os acolhidos questionam os voluntários: "são afegãos ou palestinos?"

A van finalmente chega, os voluntários abrem a porta e os gritos começam a ser entoados, um sonoro: "Khosh Amadid Vila Minha Pátria" é ouvido - no português "Sejam Bem Vindos a Vila Minha Pátria".



Acolhidos da Vila Minha Pátria aguardam a chegada de uma nova família.

Crédito: Ana Cecília

Capítulo 1 - Uma Nova Família

A família recém-chegada é conduzida até o centro da área externa do restaurante. Jennifer, coordenadora do projeto, ou outra pessoa designada por ela, dá as boas vindas aos novos moradores: “A Vila é um lugar de recomeços e esperança, que vocês possam se encontrar aqui e se sentir parte dessa grande família que é a Vila Minha Pátria”.

Ela não fala persa, assim como os outros voluntários do projeto, e essa é uma das maiores dificuldades que eles enfrentam: a comunicação. Então, outros acolhidos, que estão há mais tempo no Brasil, ajudam neste processo e fazem a tradução para os recém chegados.

Inclusive, isso é momento de grande alegria para eles, poder perceber e mostrar que estão avançando nos estudos de português, a ponto de já serem capazes de atuar como intérpretes.

Após a fala, é entregue a chave da nova moradia da família direto nas mãos da dona da casa: a mulher. Para encerrar o momento, os outros acolhidos são convidados a abraçar os novos moradores, mas com uma regra: homens abraçam homens, e mulheres as mulheres.

Com o fim da recepção, todos voltam para suas atividades e a nova família é levada, com suas muitas bagagens, para seu chalé: sua nova casa pelo tempo que desejarem.

A equipe já deixou preparada a moradia com kits de higiene, limpeza e roupas de cama, assim que soube da chegada da família, que precisou ficar uma semana no aeroporto aguardando uma vaga em um abrigo.

Como eles eram quatro pessoas, a tarefa de montar o chalé não foi das maiores para a equipe, mas mais tarde precisaram enfrentar um grande desafio: organizar um chalé para nove pessoas, dado que um casal com sete filhos seria transferido de um abrigo que iria fechar na capital paulista.

Na terceira semana de agosto, a Vila recebeu quatro famílias em apenas dois dias, totalizando 29 pessoas, entre adultos e crianças. A chegada só foi possível porque no fim de semana anterior alguns acolhidos deixaram o abrigo atrás do “sonho americano” e migraram para os EUA.

Os afegãos que chegam ao Brasil são em sua totalidade da classe média, ou seja, tinham recursos para deixar o país e chegaram legalmente. Eles eram médicos, engenheiros, advogados, diplomatas, generais e soldados do exército.

Com a desocupação dos Estados Unidos no Afeganistão, o Talibã retomou o poder do país e com isso pessoas com ligação aos norte-americanos, ao antigo governo ou ao exército, e que fazem oposição política passaram a ser perseguidas e ameaçadas, precisando deixar o país para proteger a própria vida e da família.



Chalés da Vila Minha Pátria. Crédito: Júlia Castanha

Mohamed chegou ao Brasil há cerca de um ano e estava em um abrigo na cidade de Marília com sua esposa e os dois filhos, ficou sabendo sobre a Vila e entrou em contato pedindo abrigo. Ele trabalhou por 14 anos nas Forças Armadas do Afeganistão e era general quando precisou deixar seu país, após ter sua casa invadida oito vezes pelo Talibã.

O restante da família continuou no país, dois irmãos que também eram do exército continuam escondidos, enquanto

outro foi pego e torturado para entregar outras pessoas da oposição.

A viagem até o Brasil não foi fácil. Após deixarem o Afeganistão, foram para o Irã e depois para a Turquia, mas com dois dias no país foram pegos pela polícia e deportados para o Irã. Então foram para o Paquistão, e de lá deram entrada à solicitação de visto de refúgio para o Brasil.

A história é semelhante à de Mirgan, que chegou na Vila há cerca de dois meses junto com a esposa, o filho pequeno e os pais. O psicólogo deixou o país, após o Talibã assumir o comando, por entender que o Afeganistão não era mais um lugar seguro para eles viverem.

Eles foram para o Irã e após um tempo descobriram que o Brasil tinha aberto as portas para visto de refúgio. Ele enviou um e-mail para o Ministério de Relações Exteriores pedindo ajuda, mas não obteve resposta em um primeiro momento.

Depois de um tempo, recebeu a tão aguardada resposta, mas era longe do que queria: o Brasil estava com muitas solicitações de afegãos para o visto e eles precisariam continuar aguardando no Irã.

Após três meses ele foi convocado para uma entrevista na Embaixada Brasileira, apresentou toda a documentação da família e conseguiu o visto. Mas, informaram que seria necessário aguardar entre dois e três meses para que pudessem vir para solo brasileiro.

Mas, na verdade, levou dez meses desde a entrevista até receberem a tão sonhada ligação autorizando a vinda da família para o Brasil. “Foram momentos de muita aflição, não sabíamos o que esperar do futuro”, conta o psicólogo que ainda precisou encarar nove dias no aeroporto até conseguir ser acolhido: ‘Para mim não importava, era um paraíso, eu me sentia seguro, eu estava no Brasil e isso bastava’.

Quando os refugiados chegam no aeroporto, o Posto Avançado de Atendimento Humanizado ao Migrante (PAAHM) entra em contato com a Vila para saber se eles podem acolher e então, os voluntários vão buscá-los. A preferência é sempre por enviar famílias para Morungaba, sendo que quando tem grávidas a prioridade aumenta.

Outros chegam lá a partir da transferência de outro abrigo, ou porque é temporário ou por estar para fechar. Além disso, existem casos em que parte da família está no Afeganistão e

parte na Vila, então os acolhidos fazem a ponte com o projeto para receber seus familiares.

Algumas pessoas entram em contato devido à perseguição religiosa ou étnica, então a Vila intermedeia com o Governo e faz uma carta convite para a família vir para o Brasil, direto para Morungaba.

Também acontece de quem está no Afeganistão fazer contato direto com o projeto pelas redes sociais, pedindo ajuda, e novamente, se há vaga eles acolhem.

Em outros casos, a solicitação pode ocorrer do próprio governo, como em novembro de 2023, em que Brasília pediu ajuda para a Vila acolher 20 repatriados da Palestina, que chegariam pelo avião das Forças Armadas Brasileiras (FAB).



A primeira dama Janja visitou a Vila Minha Pátria após a chegada dos palestinos na Vila.

Reprodução/X/JanjaLula

A família Farhat foi uma das acolhidas neste processo: “Nós perdemos tudo na guerra, nossa casa em Gaza foi bombardeada duas horas depois de termos saído”, conta o patriarca, que afirma que estão felizes apesar do começo difícil.

Com tantas pessoas e histórias na Vila é preciso de algumas diretrizes para que ela se mantenha sustentável. Cerca de dois dias após serem acolhidos, a família é chamada para uma entrevista com a assistente social, que monta o perfil de cada integrante e pergunta como podem atendê-los.

O bate-papo é mediado por Mona, missionária iraniana que está há oito anos no Brasil, e fala persa, a mesma língua dos afegãos; ou por Lucas, outro missionário, que atua quando as famílias falam inglês.

Ao final da entrevista eles entregam um termo de compromisso com os direitos e deveres deles, escrito em persa ou árabe, o qual deve ser assinado por eles.

Entre as regras, consta que toda a família deve comparecer às aulas de português - homens e mulheres, adultos e crianças -; respeitar a equipe; participar da escala

de lavar a louça; não deixar os filhos sozinhos nas dependências do projeto; fazer silêncio após às 22h; não levar embora os objetos que estavam no chalé; e não fumar, usar drogas ou consumir bebidas alcoólicas.

Já a Vila, além das aulas de português e do espaço, oferece quatro refeições por dia; kits de higiene e limpeza mensalmente; roupas; apoio profissional; e cuidados de saúde.

Com a chegada de várias famílias também é marcada uma reunião de apresentação do projeto com os responsáveis de cada área e os acolhidos. Nela, eles explicam que a Vila não tem auxílio do governo e é mantida por Igrejas Batistas que entendem que podem ajudá-los. Jennifer, atual responsável pelo projeto, também frisa que respeitam eles, sua cultura e sua fé, e lá eles têm liberdade para exercê-la.

Capítulo 2 - A Pousada que virou Refúgio

Em agosto de 2021, rodou o mundo um vídeo mostrando vários afegãos tentando deixar o país pendurados em um avião. Gilmar viu as imagens e seu coração se encheu de angústia, e nasceu ali o desejo de fazer algo para ajudar aquelas pessoas.

Ele e a esposa eram donos da Pousada Maricota, uma homenagem à mãe e à sogra. Com o início da pandemia em 2020 e o lockdown decretado, a pousada precisou ficar fechada.

A equipe conta que Gilmar, que é cristão, passou a orar para que Deus mostrasse a ele um caminho para que pudesse ajudar os afegãos. O espaço para receber as pessoas ele tinha, mas como fazer essa ponte?

Em paralelo, havia o Pastor Fernando Brandão, diretor da Junta de Missões Nacionais, braço missionário da Convenção Batista Brasileira, que havia recebido uma ligação de Willian, um brasileiro que atuava em uma ONG no Afeganistão, e que precisava de ajuda para acolher os afegãos.

O Pastor Fernando aceitou o desafio de receber um grupo de refugiados, mas havia um problema, como fazer isso?

Ele começou a orar, e sempre que visitava igrejas lançava o desafio para que orassem por esse propósito. Então, eles contam que os planos de Deus se concretizaram: um amigo de Gilmar estava no lugar certo e na hora certa, e ouviu o apelo do diretor da Junta de Missões, e já conhecendo o desejo do amigo, fez a ponte entre eles.

A partir deste momento começaram os trâmites para viabilizar o projeto. No dia 5 de abril de 2022 um grupo de seis missionários vieram do Espírito Santo a fim de iniciar a preparação para receber os refugiados em Morungaba.

Como a pousada estava há dois anos parada, eles precisaram primeiro limpar os 72 chalés, cortar a grama, pintar e realizar algumas manutenções na área de 170.000 metros quadrados e para isso contaram com o apoio de algumas igrejas batistas que realizaram mutirões para ajudar nos reparos.

Exatos 14 dias depois, em 19 de abril, chegaram os primeiros 53 moradores da então batizada Vila Minha Pátria. O nome foi dado em referência a outro projeto que a Junta

tinha, o Minha Pátria, que acolhia refugiados venezuelanos em São Paulo.

Em dois anos e sete meses a Vila recebeu 1006 refugiados, cerca de 216 famílias (novembro/2024). Esse número corresponde a quase 10% de todo contingente de afegãos que vieram para o Brasil, que segundo o Sistema do Tráfego Internacional (STI), é de 11.601 entre janeiro de 2022 e julho de 2024.

Como os voluntários não falavam persa, a Junta de Missões Nacionais fez parceria com a Junta de Missões Mundiais, que enviou alguns missionários que trabalhavam no Oriente Médio, mas estavam no Brasil por causa da pandemia, para ajudar neste início.

A Vila Minha Pátria não tem nenhuma parceria com os governos municipal, estadual ou federal. Sua responsável financeira é a Junta de Missões Nacionais, a partir das doações das Igrejas Batistas de todo o Brasil. Para Jennifer, o motivo de fazer isso é simples: “Ser refugiado não é uma escolha deles, mas acolhê-los, como corpo de Cristo é”.

O único suporte que recebem do governo é através dos aparelhos públicos que vão diretamente para os acolhidos,

como: SUS, escola e benefícios como Bolsa Família e CadÚnico.

A Vila também não tem interesse em receber este auxílio do governo. Preferem continuar como um projeto independente, o que permite, por exemplo, que eles escolham quem receber e possam priorizar cristãos árabes que são perseguidos em seu país - caso de duas famílias que lá estavam.



Quadra de areia na Vila Minha Pátria. Crédito: Júlia Castanha

Com o projeto tendo se tornado mais conhecido, outras denominações de igrejas e empresas passaram a fazer doações também, que podem ser em dinheiro ou em itens de cesta básica.

Com cerca de 150 acolhidos, Jennifer explica que os gastos do projeto giram em torno de 140 a 160 mil reais por mês. Neste valor engloba o salário dos funcionários, conta de energia, gás, compra da proteína, produtos de limpeza, medicamentos e combustível.

Os itens de cesta básica e de higiene são ofertados mensalmente por algumas igrejas. As quantidades são altas, então grupos de igrejas se unem para doar 1500 litros de leite, 900 litros de óleo, 1980 quilos de arroz, e assim por diante.

Os voluntários contam que a “fama” da Vila também causou descontentamento em outros abrigos que ao verem a estrutura que o projeto oferece, acham que o governo favorece eles financeiramente, sem saber que não há dinheiro estatal lá.

O tamanho do local, a quantidade de acolhidos e os serviços ofertados podem nos fazer imaginar que existe uma equipe enorme por trás disto, mas na verdade a Vila conta com uma equipe de 36 pessoas, sendo apenas seis homens, que atuam a partir de diferentes regimes de trabalho.

Existem os missionários Radicais, jovens que decidem doar um ano de suas vidas para servir em um projeto da Junta

(na Vila são nove). Depois os missionários em formação, que já foram Radicais, mas desejam continuar no trabalho vocacional e para isso precisam ter uma graduação, que é paga pela Junta. E ainda os Missionários Efetivos, que obrigatoriamente precisam ter uma formação superior e recebem auxílio financeiro para se manter.

A Vila também conta com funcionários CLT que atuam principalmente na manutenção, limpeza, cozinha e assistência social. E com os voluntários, que podem ser fixos - normalmente aposentados, que não dependem de renda fixa e ficam por um período maior, 3 a 12 meses - e os de temporada, que utilizam o período das férias para servir no projeto.

Quanto às origens, a equipe é formada por pessoas de vários estados do Brasil como Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Bahia.

O projeto acolhe em média 150 pessoas, tendo a lotação máxima sido 172. Como cada família fica em um chalé, eles contabilizam as famílias para controlar a lotação, podendo receber em média 50 famílias. “Prezamos por deixar as famílias juntas para que elas possam passar por esse momento juntas”, explica Jennifer. Os outros 22 chalés

disponíveis servem como estoque ou moradia para a equipe - estes ficam em uma parte mais alta para dar mais privacidade a todos.

A Vila ainda conta com campo de futebol, quadras de vôlei, basquete, tênis e areia, piscina, horta, auditório, espaço para eventos, 'shopping' (brechó com roupas para os acolhidos), salas de aula para os adultos e uma espécie de CEU (Centro Educacional Unificado) para as crianças.

No refeitório, fica um mural com informações sobre a Vila como QR Code para o grupo de whatsapp; horários de partida da linha de ônibus e informativos da Agência da ONU para Refugiados (ACNUR), tudo em persa para que eles possam entender.



Mural de Avisos no refeitório da Vila. Crédito: Júlia Castanha

A equipe tem uma escala para folgar e de domingo, apenas quatro pessoas fazem plantão. Os outros ficam de stand by caso aconteça algo e precisem de ajuda, mas se não, aproveitam o dia livre.

A antecessora de Jennifer, Fabíola, foi a responsável por estruturar o projeto e fez com que ele não fosse apenas um abrigo, mas um local de passagem que acolhe, cuida e ajuda os acolhidos pelo tempo necessário para que eles possam se desenvolver e tornarem-se independentes, a fim de poderem recomeçar.

“Não tem tempo máximo para eles ficarem. Os acolhidos precisam se sentir à vontade. Não colocamos pressão, eles acabaram de sair de um trauma”, explica a atual coordenadora.

Para isso, a Vila oferece acolhimento primário, introdução ao português, emissão dos documentos, assessoria jurídica, cuidados médicos e acompanhamento sócio assistencial.

Capítulo 3 - Como gira a engrenagem

A equipe que trabalha na Vila a define como uma pequena cidade devido a sua complexidade. Ela é dividida em oito departamentos: Coordenação, Administrativo 1, Administrativo 2, Recepção, Educação Infantil, Educação, Saúde e Capelania, em que cada um tem um gestor.

A coordenação responde por todas as áreas e é responsável por realizar as compras, fazer parcerias, cuidar da equipe e da parte burocrática. Além disso, resolve os problemas dos acolhidos e faz o intermédio com o aeroporto, familiares, outros abrigos e igrejas para o acolhimento.

3.1 “Polícia Federal”

Já a Recepção funciona como a “Polícia Federal” da Vila. Cerca de dois dias após a chegada da nova família, eles realizam uma entrevista para entender quais são as necessidades deles e como podem ajudar.

“Além de perguntas sobre o estado de saúde e o nível de educação, verificamos quais documentos precisam ser solicitados. Também fazemos um levantamento de perfil para trabalhos e cursos, o que querem a longo prazo e se eles têm

perfil para serem interiorizados”, explica Branda, assistente social do projeto, sobre a função da entrevista.

Essa interiorização se trata de um processo realizado pela Vila quando uma família decide que quer permanecer no Brasil. Então, o projeto busca parceria com uma Igreja Batista que será responsável por sustentar e dar suporte à eles, que deixaram a Vila, e começaram suas vidas em uma nova cidade. Mais para frente veremos com detalhes como funciona.



Equipe da recepção. crédito: Ana Cecília/Vila Minha Pátria

As entrevistas são feitas com toda a família. Algumas são mais tímidas, outras mais falantes. Muitos são desconfiados devido às suas histórias de vida, mas a equipe reforça que o intuito ali não é investigá-los.

As informações são todas registradas em uma plataforma exclusiva da Vila e compartilhadas com o restante da equipe, para elaborar o melhor plano de vida para os novos acolhidos.

E todas as informações constam no programa: atendimentos, visitas domiciliares, questões de saúde, educação e solicitação de emissão de documentos.

Todos que chegam, em Morungaba, para se alojar na Vila estão em situação regular. Então, após a entrevista Priscila, missionária em formação e aluna de serviço social, solicita a emissão do CPF para cada familiar. Com o documento, é emitido o cartão do SUS e solicitado os benefícios do CadÚnico e do Bolsa Família.

Lucas, além de ajudar como tradutor, também atua na parte da documentação. Ele trabalha com as embaixadas fazendo ponte entre os afegãos que querem vir para o Brasil e o governo. Ele também faz a retificação dos nomes dos acolhidos junto ao Ministério de Relações Exteriores, pois como o alfabeto deles é diferente e o nome é fonético, muitas vezes, no processo de migração, os filhos acabam ficando com sobrenome diferente dos pais..

Além disso, Lucas que é formado em perícia e cursa relações internacionais, trabalha na recolocação dos acolhidos no mercado de trabalho. Ele dá aulas de pré-requisito para o mercado de trabalho, prepara e explica como funciona esta parte no Brasil. Enquanto isso, Layane faz

a ponte com as empresas de Morungaba. Ao fim do processo, eles entregam um cartãozinho para o acolhido indicando que ele está apto para trabalhar.

Para auxiliar nesta preparação, o projeto fez parceria com Senai, Sesi e Sebrae e oferece cursos profissionalizantes aos acolhidos para prepará-los para o mercado de trabalho.

Então, o currículo é enviado para a empresa e após a seleção o acolhido apresenta seu cartãozinho para o empregador, mostrando que está apto a começar. A Vila faz questão de fazer a mediação tanto para ajudar em caso de mau comportamento do novo funcionário, quanto para casos de má conduta da empresa, como exploração por eles serem refugiados.

Mas algumas empresas e acolhidos optam por não ter a mediação da Vila, mesmo o projeto aconselhando a não fazer assim. Nestes casos o projeto não se responsabiliza e acaba ficando por conta e risco de cada um.

Atualmente a Vila tem parceria com cinco empresas: Alpina Têxtil, Greco e Guerreiro (plástico), Travema (metalúrgica), Serralheria e Comércio de Ferragens Santa Luzia e Oficina Bonifácio (serralheria), todas em Morungaba.

Os acolhidos que chegam na Vila tem em sua maioria o Ensino Básico completo e Graduação. Mas, alguns não têm formação ainda, principalmente jovens que deveriam ter concluído a escola nos últimos anos e foram impedidos pela situação do país de origem. Eles, então, precisam fazer o EJA (Educação de Jovens e Adultos) para conseguir o certificado de conclusão, o que é um empecilho, pois Morungaba não tem essa modalidade.



Aula de português para adultos na Vila. Crédito: Ana Cecília

A Vila já solicitou ao Conselho Tutelar o retorno da modalidade no município, mas o núcleo responsável pelo EJA fica em Bragança Paulista. Branda explica que o projeto está

mediando com a Secretaria de Educação e a Prefeitura para que ocorra a reativação dessas turmas, que foram encerradas pois os alunos se inscreviam, arrumavam emprego e paravam de ir. Para evitar essa evasão, o projeto também pretende conversar com as empresas da cidade para que seja cobrado o comprovante de aulas frequentemente.

3.2 Educação

Já na Vila, a Educação foca em ensinar o português aos acolhidos. As aulas acontecem de manhã e após o almoço, são várias turmas que são divididas por idade - no caso das crianças - ou pelo grau de aprendizado.



Apostilas para as aulas de português. Crédito: Ana Cecília

No início utilizavam os livros do Estado de São Paulo para refugiados, mas a equipe o achou muito teórico e distante das experiências deles, o que dificultava o aprendizado.

Então, a Vila desenvolveu seu próprio material com uma metodologia para pessoas que sofreram estresse pós-traumático. A equipe se baseou nos livros utilizados com crianças na Amazônia que sofriam com o mesmo transtorno. Quem desenvolveu o material foi uma missionária da região norte que é pedagoga, psicanalista e neurocientista.

Os novos livros trazem conteúdos mais do dia a dia, com verbos mais simples e palavras que são realmente utilizadas no cotidiano. 'Sai o tu e entra o a gente', brincam as professoras.

Com a ajuda dos acolhidos, o material foi traduzido para o dari e o árabe, idioma dos afegãos e palestinos, respectivamente. Até o momento são três volumes: Básico, Avançado e Infantil, mas já está sendo desenvolvido um terceiro volume totalmente em português, sem tradução, para estimular a leitura e a escrita da nossa língua.

A Educação Infantil também oferece reforço escolar para auxiliar na adaptação das crianças nas escolas da cidade. Isabela, gestora do departamento, explica que as professoras de Morungaba pedem que a Vila só envie as crianças quando elas souberem o básico do português para conseguirem se comunicar com eles.

A partir dos seis anos as crianças já podem ser matriculadas nas escolas públicas da cidade. Como eles já conhecem o projeto, abrem vagas direto para a Vila. As



professoras do projeto participam de todas as reuniões escolares e trabalham junto com as do município para ajudar os alunos a se desenvolverem mais rápido.

Crianças afegãs em seu primeiro dia de aula na escola municipal de Morungaba. Reprodução/Instagram/Vila Minha Pátria

“Tem alunos que se adaptam muito rápido e falam português muito bem. Mas tem os que falam pouco, o que atrapalha na adaptação. Então, a professora pede para nós pegarmos mais firme nas aulas de português”, explica Isabela.

As mães normalmente não participam das reuniões pois não há quem traduza para elas, então as professoras da Vila

acabam fazendo esta parte também, além de auxiliar as crianças nas tarefas de casa.

A Secretaria da Educação de Morungaba e o Conselho Tutelar também acompanham o projeto e costumam fazer visitas à Vila para conversar com as professoras e observar as crianças.

As aulas das crianças acontecem no contraturno da escola e são das 9h30 às 11h ou das 14h às 16h. Elas são divididas em três turmas: Berçário (até 3 anos); Infantil I (4 a 6 anos) e Infantil II (7 a 9 anos).

“Na primeira parte da aula fazemos um momento de interação e brincadeira livre, depois música e roda de conversa. Depois as atividades, lanchinho e então encerramos escovando os dentes das crianças”, explica Rebeca, uma das professoras do Infantil.

As aulas das crianças não são apenas de português. Além da alfabetização, elas trabalham coordenação motora, higiene bucal e corporal, a parte socioemocional e a de interação com os outros: não bater, dividir o brinquedo e respeitar. No berçário, também trabalham cores, formas e partes do corpo.

As professoras utilizam bastante brincadeiras e músicas para ensinar o português, pois isso acelera a aprendizagem dos alunos. Inclusive, as crianças costumam aprender mais rápido que seus pais e acabam servindo como intérpretes entre eles e os voluntários.



Uma das salas de aula das crianças no projeto. Crédito: Ana Cecília/Vila Minha Pátria

Os bebês e as crianças menores choram bastante no período de adaptação, então nos primeiros dias ficam apenas uma hora. Algumas mães, quando vêem o filho chorando, não querem levá-los mais, mas as professoras insistem para tentar de novo.

“As crianças choram muito por medo de ficar longe de suas mães. São muitos traumas, muitas precisaram deixar avós, tios e até o próprio pai para vir ao Brasil”, explica Isabella. Se para uma família que não passou por situação de refúgio já é difícil o momento de adaptação das crianças na escola, é de se imaginar o desafio nesses casos.

Para tratar o emocional, ela conta que realizam a Oficina das Emoções, em que as crianças recebem carinhas com as emoções para eles entenderem o que cada uma representa. “Muitas lembram do que vivenciaram lá e falam ‘a bomba, puff’”, completa a gestora.

O ‘CEU’ ainda oferece aulas de música para crianças, que pela tarde podem aprender a tocar flauta ou ukulelê.

3.3 Cozinha

As crianças precisam almoçar antes dos adultos por causa da escola, o que faz com que a equipe do Administrativo I precise correr para preparar o almoço e não atrasar. Eles são responsáveis por toda a parte da cozinha, estoque de alimentos e preparo das refeições.

Todos os dias são oferecidas quatro refeições aos acolhidos: café da manhã (8h às 9h), almoço (12h às 13h), café da tarde (16h às 16h30) e jantar (18h30 às 19h30).

O ritmo de trabalho da cozinha é intenso, as quantidades de comida são sempre grandes. Por exemplo, em média eles fazem 10kg de arroz ou macarrão por refeição; enquanto toda manhã vão 60 litros de leite.



Hora do almoço na Vila Minha Pátria. Crédito: Ana Cecília/Vila Minha Pátria

O café da manhã é quando o refeitório fica mais vazio, pois eles preferem fazê-lo no chalé. Cada acolhido tem direito a dois pães francês, um copo de leite e uma fruta. Normalmente alguém da família - a mulher ou o filho mais velho - vem e retira toda a cota da família. Os voluntários têm uma lista com

o nome das famílias e as quantidades de cada um; eles que servem os acolhidos - apenas o café e a manteiga são livres.

Como eles têm o hábito de tomar chá, praticamente todos trouxeram a chaleira na mala - sempre muito bonitas - e a utilizam para levar o leite para o quarto, que é servido por um voluntário.

Enquanto o café está acontecendo do lado de fora, a equipe comandada por Rani já está a todo vapor, picando, descascando e lavando. Os utensílios da cozinha industrial são grandes e pesados, exigindo força de quem os manuseia. O espaço conta com um grande fogão, mais de quatro pias com água quente, vários fornos e uma dispensa para guardar os alimentos - e os muitos temperos típicos da cultura deles.

O cardápio do almoço e do jantar costuma ser composto por salada, arroz, feijão, macarrão e proteína - que normalmente é frango, já que carne vermelha é muito cara, e por isso só servem quando recebem doação. A mistura é servida pela equipe, uma por pessoa.

No almoço e no jantar são feitas duas filas: uma para homens e outra para mulheres. Antes era uma fila única, mas eles passavam na frente delas; então instituíram que primeiro iriam as mulheres e crianças, mas como elas demoravam para

descer e os homens ficavam muito tempo esperando, a Vila acabou adotando as duas filas como solução.

Às quartas-feiras, grupos de mulheres da Primeira Igreja Batista da Penha se voluntariam para preparar as refeições do dia. Apesar da folga para a equipe da cozinha, sempre fica pelo menos uma pessoa da Vila para orientar nas quantidades.

Isso também ocorre aos domingos, quando o espaço é cedido aos afegãos e palestinos para que eles façam um almoço típico para todos. Um voluntário sempre acompanha para que não haja desperdício ou falte comida.

As louças utilizadas nas refeições, como pratos e talheres, são responsabilidade dos acolhidos lavarem, a partir de uma escala previamente montada. Normalmente são as mulheres que fazem a tarefa na cozinha externa, que também pode ser usada por eles caso queiram preparar sua própria comida. Os homens às vezes até ajudam, principalmente os mais novos, mas, predominantemente, são as mulheres que cozinham, lavam a louça e a roupa da família - na lavanderia.

Entre uma refeição e outra o refeitório e os banheiros precisam ser limpos. Nesta parte entra o Administrativo II, que

cuida da limpeza das áreas internas, externas, estoque do material de limpeza e shopping.

3.4 Limpeza da Vila

Assim que termina cada horário as cadeiras são levantadas, o chão é varrido e o pano passado nas mesas. Como a Vila é rural, além da sujeira de comida, entra muita areia e terra nos espaços.



Chalé pronto para receber sua nova família. Crédito: Júlia Castanha

Já os chalés devem ser limpos pelas próprias famílias, que recebem mensalmente um kit de limpeza. Quando vão embora, a equipe faz a limpeza e organização para receber a próxima família. Eles retiram os itens que foram deixados e separam o que é lixo e o que pode ser lavado e reutilizado;

estendem os colchões no sol; lavam chão, banheiro e janelas. E então arrumam a disposição de forma a caberem os próximos moradores que vão chegar. No estoque eles deixam berços e camas disponíveis para crianças pequenas, caso seja necessário instalar no quarto.

Camas arrumadas, toalhas separadas, kit de higiene com absorvente, escova, creme dental e papel higiênico, e de limpeza montados ... hora de fechar o chalé e ir para o próximo.

Capítulo 4 - A medicina da Vila

Ao lado da recepção fica o consultório médico, responsável por fazer o atendimento primário aos acolhidos, primeiros socorros e ser a ponte entre eles e o posto de saúde de Morungaba.

“Como projeto social não podemos ter oficialmente um ambulatório médico e odontológico funcionando. Para isso precisaríamos de um registro de saúde, mas aí muda a fiscalização, os impostos”, explica Érika, que é cirurgiã dentista e a responsável pelo departamento de saúde da Vila.



Érika, dentista e responsável pela saúde da Vila. Crédito: Ana Cecília

Ela está em Morungaba desde o final de abril de 2022, segunda semana do início do projeto. Érika iniciou como voluntária e hoje atua como missionária, mas quem começou a parte médica da Vila foi a Dra. Priscila, obstetra e missionária no Paquistão junto com o Pastor Daniel, que também é médico, e estavam no Brasil por causa da pandemia.

Após a entrevista com a assistência social, a equipe médica recebe um relatório e faz um levantamento das necessidades da família. A não ser em casos urgentes, elas costumam esperar o contato dos refugiados para dar sequência ao acompanhamento.

Érika explica que esperam esse tempo, pois logo quando chegam parece que estão doentes, mas estão cansados e confundem o estresse com doença. “Eles chegam gripados, resfriados, com dor. Mas descansam, dormem, se alimentam direito, passa uma semana, são outras pessoas”, conta.

A equipe tem uma planilha com os dados necessários para o atendimento médico (CPF, data de nascimento, nome completo) de todos os moradores da Vila, e o pessoal do posto de saúde, vigilância sanitária e epidemiológica tem acesso a esta lista.

As vigilâncias sempre ficam no radar e sempre que nomes novos são incluídos na lista, a equipe epidemiológica entra em contato para agendar o exame de fezes para todos os menores de 21 anos, para identificar se há a presença do vírus da poliomielite ativo.

Tanto a poliomielite quanto o sarampo são doenças ativas no Afeganistão, e por serem refugiados o Brasil não exige comprovante de vacinação para adentrar ao país. A maioria vem sem a carteira de vacinação; os que trazem, está em Dari - língua nativa dos afegãos - e muitos não sabem dizer quais vacinas tomaram. Quanto à vacinação infantil, os pais não têm resistência e deixam os filhos serem vacinados.



Zélia, técnica de enfermagem, em consulta na Vila. Crédito: Ana Cecília

A data de chegada ao Brasil é uma informação muito importante para a saúde, pois é preciso fazer esse exame de pólio em no máximo 60 dias da chegada deles. Depois, não adianta mais fazer, pois se havia risco de contaminar outras pessoas no país e fazer o vírus circular por onde passaram, já aconteceu.

O uso do posto de saúde só ocorre após a emissão do CPF, e com ele, da carteirinha do SUS. Se houver uma necessidade imediata de atendimento médico assim que a família chega na Vila, eles recorrem ao hospital, que atende somente com o passaporte.

Foi o caso de uma família em que todos estavam com escabiose (sarna), então, não tinha condição de ficarem na Vila e foram direto para o hospital. Na época, o aeroporto estava lotado, o que facilita a contaminação entre as pessoas. Outra situação comum é as crianças chegarem com desidratação, então, já são direcionadas para o hospital para tomarem soro e medicação intravenosa.

Ao longo de cada mês, a equipe médica atende os acolhidos e a partir das queixas deles marcam consulta médica no posto. Para facilitar a comunicação, no consultório eles têm alguns cartazes com desenhos de sintomas e a

legenda em português, inglês e persa. Além de uma folha com expressões, verbos e vocabulários em português e persa, para que tenham melhor compreensão da situação.

Depois, a equipe faz uma lista com as pessoas que precisam de agendamento e qual a especialidade necessária, e então, todo dia 22 - quando abre a agenda - Érika marca todas as consultas.

O Posto do Jardim Amélia é o que mais atende a Vila, mas a cidade ainda tem mais três unidades. Eles levam a lista impressa com as informações dos acolhidos para cadastrar no posto como morador da cidade e já marcam as consultas com as especialidades existentes no município.

Caso precisem de um médico que não há em Morungaba, eles marcam no AME (Ambulatório Médico de Especialidades) que fica em cidades maiores e fazem atendimento especializado a partir do encaminhamento de um médico de Morungaba.

O tempo de espera para as consultas e exames é pequeno, então eles conseguem atendimento rápido, já que a demanda na cidade é baixa. “Deus foi perfeito. Ele colocou a Vila no lugar perfeito, com uma estrutura perfeita e com um

SUS que funciona rápido por ser uma cidade pequena”, afirma Érika, responsável pela saúde da Vila.

A ida ao médico sempre ocorre com um acompanhante da Vila. No grupo do whatsapp dos voluntários eles deixam montada uma agendinha com as consultas marcadas (quem vai, qual médico, onde é). Além dos acolhidos, os próprios missionários e voluntários também utilizam o serviço.

O próprio aeroporto costuma fazer uma triagem antes de encaminhar os refugiados para a Vila. Pessoas com necessidades especiais normalmente são encaminhadas ao projeto, pela estrutura que eles têm. Mas, como lá tem muito desnível no terreno e os acolhidos precisam caminhar bastante para se locomover ali, é muito difícil pessoas com dificuldade de locomoção virem para Morungaba.



Cartazes no consultório com imagens e tradução para o persa para facilitar a comunicação.

Crédito: Júlia Castanha

As famílias que têm gestante também são prioridade em vir para a Vila. Nestes dois anos do projeto, eles já vivenciaram o nascimento de 17 bebês e já deixam até kit de enxoval pronto.

Elenice é a doula do projeto. Embora seja formada em fonoaudiologia, é ela quem acompanha as gestantes. Todo o pré-natal é feito em Morungaba, mas na cidade não tem maternidade, então sempre na reta final da gravidez, eles passam a fazer o acompanhamento em Itatiba, que é a cidade mais próxima.

A questão odontológica é um grande desafio para a equipe. Os acolhidos não têm hábitos de higiene bucal, então eles têm muito mal hálito e problemas na boca. No início, o posto disponibilizou um espaço para Érika atender, mas com a saída de Priscila, ela não conseguiu mais continuar com os tratamentos odontológicos.

A necessidade deste atendimento é muito grande, mas se ela começar a fazê-lo, não consegue tempo para as outras responsabilidades. Além do fato que pelo registro, não podem ter os equipamentos fixos para atender. O município tem tratamento odontológico, mas é menor, então não tem tanta vaga disponível e acabam selecionando os casos de emergência.

No aniversário de dois anos da Vila, em abril, uma igreja doou um equipamento móvel para atendimento odontológico, que conta até com raio-x. Mas, com a estrutura atual é difícil conseguirem colocar em uso. Para fazer um mutirão voluntário também é difícil pois o material de consumo é muito caro. Então, falar para o dentista vir e trazer tudo, fica complicado.

Uma solução que Érika encontrou é colocar o consultório portátil para funcionar pelo projeto Novo Sorriso da Junta de Missões Nacionais. “Eles já têm uma lista de voluntários da área de saúde espalhados pelo Brasil inteiro, eles já foram treinados, fizeram o curso da Junta e aí, sempre que eles tiverem disponibilidade eles vem para fazer o atendimento”, explica.



Consultório médico da Vila Minha Pátria. Crédito: Ana Cecília

A Vila também recebe muita doação de remédio, principalmente de remédios caros e específicos, como para Alzheimer, Epilepsia, problemas neurológicos e outros de uso controlado. Então, eles doam tudo para o posto de saúde.

No projeto eles só deixam remédio de “farmacinha” como dipirona, paracetamol, ibuprofeno, luftal e laxante - remédios que quase não chegam por doação. Os remédios são controlados pela equipe médica e ficam trancados, em alguns casos, mesmo com indicação médica, elas que entregam diariamente o comprimido para o paciente, que tem que tomar na frente delas.

Entre os principais problemas que os acolhidos se queixam estão: epilepsia, desmaio, problema renal e muito sangramento no tímpano, causado pela perfuração decorrente do barulho das bombas.

Capítulo 5 - Choque de Culturas

A inserção dos acolhidos na sociedade brasileira é um processo que acontece aos poucos, principalmente por causa da língua. Então, quanto mais português eles aprendem, mais independentes eles ficam para circular por Morungaba e São Paulo.

Todas as famílias recebem benefícios do governo, então elas têm dinheiro para gastar e culturalmente eles gostam de comprar, o que movimenta o comércio da cidade. Antes, a Vila os levava de van para o centrinho, mas a prefeitura criou uma linha direta de ônibus do projeto para a cidade, que faz quatro viagens gratuitas por dia.

Essa atitude mostra o quanto a cidade tem se empenhado para acolher o projeto e se mobilizado para ajudar a atender os refugiados que chegam, e essas ações não são apenas dos órgãos municipais. “Percebemos um ambiente amistoso com a população, apesar das inúmeras diferenças culturais. Ainda existem algumas resistências, algo natural dentro de ambientes que passam por mudanças na sua população, mas Morungaba parece ter abraçado o projeto”, afirma a Prefeitura da cidade, através de sua assessoria de comunicação.

Mas, eles também explicam que ter um abrigo para refugiados no município traz inúmeros desafios causados pelas diferenças culturais, costumes e idiomas; mas também traz grandes oportunidades. “Além da cidade ganhar uma visibilidade maior, há uma troca de experiências e um intercâmbio cultural que pode beneficiar tanto a população local quanto os refugiados”.

Um exemplo é a parceria que cinco empresas fizeram, de abrir suas portas para que os acolhidos pudessem trabalhar. Em agosto, cerca de 15 pessoas que moravam na Vila, trabalhavam na cidade, ganhando salário, vale-refeição (ou cesta básica) e convênio médico, com um fretado que os busca no projeto.



I Encontro "Mãos Dadas" que recebeu representantes do município que atendem a Vila.
Reprodução/Instagram/Vila Minha Pátria

Outro exemplo desse acolhimento do município, é que para facilitar as consultas, os médicos passaram a usar o Google Tradutor para conseguir se comunicar diretamente com os acolhidos sem precisar de um intérprete; além disso, eles fornecem as receitas médicas em inglês, para que os acolhidos consigam entender.

Inclusive, Érika e Elenice, que cuidam da saúde da Vila, contaram que um dos médicos que costuma atender os refugiados, o Dr. Ivan, ensinou inglês no posto para que os outros funcionários conseguissem se comunicar com os acolhidos.

Reconhecendo a importância desta relação, a Vila realizou em outubro de 2024, o I Encontro “Mãos Dadas”, em que recebeu os parceiros dos órgãos públicos, assistência social, educação e outras áreas que atendem a equipe e acolhidos do projeto. Mais de 30 representantes do município foram, incluindo o, então, prefeito Marco Antônio de Oliveira.

Além de Morungaba, alguns acolhidos se aventuram a pegar ônibus, metrô e trem e ir para Campinas e São Paulo. Nesses casos, apenas quem já avançou no aprendizado do português acaba indo por já se sentirem mais seguro para se comunicar. Na capital paulista, os acolhidos gostam de ir ao

Brás, onde descobriram lugares que vendem os temperos típicos de seu país.

Como eles têm um fogão à disposição, costumam cozinhar durante o dia. Os acolhidos gostam de receber a equipe da Vila em suas casas, e oferecer algum prato típico para eles como forma de agradecimento. Os voluntários não fazem desfeita, e aceitam sempre: “As comidas deles são muito boas”, brinca Vitória, do administrativo.

Rani explica que a adaptação dos acolhidos com a comida brasileira é tranquila. “Percebemos que eles não gostam muito de arroz branco, preferem comidas mais coloridas e picantes. Então usamos bastante páprica, colorau e outros temperos para que fique mais parecido com o que eles estavam acostumados”. De restrição alimentar a única que eles têm é carne porco, que não pode nem passar perto da cozinha, caso contrário, torna tudo impuro para eles.

Dentre as coisas que eles trazem na bagagem para o Brasil, a comida é um item presente. Chás, temperos, e alguns alimentos típicos são alguns dos elementos que eles costumam trazer para se sentirem mais próximos do seu país.

O chá é um dos mais importantes, pois está ligado aos momentos familiares. Nos chalés, sempre deixam um espaço



central para que eles possam estender o tapete que trazem e reunir todos da família ali e tomarem o chá da tarde juntos. Em dias de sol, alguns optam por ter esse momento ao ar livre, no gramado.

Hora do chá na Vila. Crédito: Ana Cecília

Mas nem tudo são flores. E as diferenças culturais entre Brasil, Afeganistão e Palestina, muitas vezes, acabam trazendo situações difíceis e desafiadoras para a equipe. Os voluntários contam que os refugiados têm muita dificuldade em esperar.

Uma família recém-chegada não gostou do chalé que foi colocada, a dona do lar, então, abordou todos os membros da

equipe que encontrava para solicitar a mudança, mesmo que desde a primeira vez tivessem dito que iriam verificar uma mudança de chalé. Esse tipo de situação acaba sendo muito desgastante, e segundo os voluntários ocorre com frequência - principalmente com os novos moradores.

Os hábitos de higiene também são bem diferentes, e exigem que a equipe faça um trabalho para mostrar como é a cultura no Brasil.



Outra luta que a equipe tem é com o desperdício de comida. Para Rani, responsável pela cozinha, este comportamento está ligado ao fato deles terem precisado estocar comida enquanto fugiam ou se escondiam.

Crianças recolhendo o lixo na Vila Minha Pátria.
Reprodução/Instagram/Vila Minha Pátria

A mudança demora, mas a equipe mostra que eles podem agir diferente, pegar um pouco por vez, repetir se necessário. E com o tempo, eles conseguem ver resultados, o problema é

que na maioria das vezes quando isso acontece, é quando eles vão embora e, então, chegam novos moradores, e o processo começa de novo.

Na educação, as professoras também sofrem com as diferenças culturais. “Eles não enxergam que ali é um centro educacional e que a educação no Brasil é coisa séria, é obrigatória. Não têm que ir quando querem”, afirma Isabella.

Apesar do transporte escolar buscar as crianças na porta da Vila, os boletins das crianças chegam com 15, 11, 10 faltas no bimestre. As professoras contam que no frio, as ausências aumentam porque as mães ficam com dó de mandar os filhos para a escola.

O Conselho Tutelar de Morungaba contou que já foram acionados por causa da evasão escolar das crianças acolhidas e que trabalham junto com a Vila com palestras e algumas visitas para tentar reverter a situação.

Já no Centro Educacional do projeto, além das faltas o problema é que algumas famílias enxergam ali como um lugar para deixar seus filhos brincarem, a ponto de ter mães que querem deixar o filho lá para passear na cidade. As aulas de português para os adultos também enfrentam problemas com

as faltas, especialmente das mulheres e especificamente das mães, o que faz com elas demorem mais do que seus filhos e maridos para aprender o português.

Jennifer explica que eles tentam ajudar os acolhidos a se adaptarem à cultura brasileira, mas evitar que adquiram alguns comportamentos que eles consideram ruins no Brasil. Por exemplo, com as crianças frequentando a escola, acabam tendo contato com palavrões, piadas maliciosas e recebendo influência da liberação de bebidas e drogas, o que na Vila eles tentam explicar que não são coisas boas.

A parte cultural dos afegãos e palestinos também é muito influenciada pela religião. Contudo, a equipe observou que os primeiros são menos religiosos, e não seguem com tanto afinco alguns preceitos do islamismo; enquanto os segundos são mais rígidos e seguem de maneira mais fervorosa.

O uso do hijab - lenço que cobre o cabelo - é um bom exemplo disso. Apesar de alguns países obrigarem que as mulheres o utilizem, a vestimenta não é obrigatória para as muçulmanas, mas a maioria delas o utiliza. Na Vila, é possível perceber as diferenças entre os dois povos pela forma que o hijab é usado..

As mulheres do Afeganistão usam por uma questão mais de hábito do que pela religião, então muitas colocam com parte do cabelo a mostra e quando o hijab delas cai, elas demoram para arrumá-lo na posição, comportamento que não notamos com as palestinas, que o utilizam bem fechado.



Mãe e filha em chá da tarde especial na Vila. Reprodução/Instagram/Vila Minha Pátria

Algumas mulheres que se tornaram cristãs têm medo de parar de usar o hijab e serem perseguidas. Mas, é possível notar uma minoria que não o utiliza mais. No geral, as mulheres não podem mostrar as pernas e utilizam muito da combinação de calça e vestido - sempre com blusa de manga longa.

Cabe uma ressalva que, após o Talibã assumir o controle no Afeganistão eles implementaram um conjunto de regras

chamadas por eles de “leis da moralidade”, que tornou o uso do hijab e da burca obrigatório no país.

As mulheres também são muito vaidosas e sempre andam pela Vila muito bem vestidas. Algumas Igrejas fazem mutirão e realizam dia da beleza com elas. Nestes casos, a equipe utiliza um lençol para isolar o espaço e elas poderem tirar o hijab sem preocupações.

As diferenças entre afegãos e palestinos foi um ponto de muita preocupação para a equipe. Até novembro de 2023, o projeto tinha quase exclusivamente afegãos, então, quando surge o pedido do governo para receber parte dos repatriados da Palestina, os responsáveis pela Vila ficaram receosos de como seria a convivência entre os povos.

Toda a chegada dos palestinos a Morungaba foi tensa. Como eles viriam com o avião da FAB, não tinha previsão de chegada: poderia acontecer em um dia ou em um mês, então, a equipe tinha que estar preparada a todo instante.

Depois, quando eles chegaram, várias emissoras e veículos de imprensa vieram para a Vila transmitir a chegada deles, uma situação com a qual até então a equipe não sabia como lidar.

E para completar, pessoas do Governo descreveram o projeto de uma forma diferente do que o lugar era na realidade - como uma estrutura de hotel. Então, quando os palestinos chegaram ao projeto quiseram ir embora, pois não atendia às expectativas que haviam sido criadas.

Em meio aos caos, a equipe convenceu os repatriados a ficarem e explicaram que o projeto era independente, sem financiamento do Governo. Então eles se desculparam e reconheceram que a Vila fazia muita coisa sem ter o apoio externo.

Apesar disso, precisou de três meses para se acostumarem com a nova realidade: “Eles não queriam falar com ninguém. Estavam com raiva, enlutados, foi uma mudança muito drástica. Mas hoje tem uma relação boa com todos”, conta Branda, assistente social do projeto.

Farhat concorda que a chegada na Vila foi bem difícil para eles: “No começo não foi muito bom. Era uma cultura diferente, vínhamos da guerra, e isso nos trazia muitos sentimentos ruins. A convivência também foi muito difícil no início, mas agora, todos nós, afegãos, palestinos, brasileiros, nos tornamos uma grande família”.

Logo que os palestinos vieram, o Governo enviou junto na comitiva alguns psicólogos para fazer um acompanhamento. Eles ficaram disponíveis apenas para atender os repatriados, e quando foram embora, acabaram levando todos os relatórios, levando a Vila a ter que refazer todo o processo.



Evento realizado na Vila no Dia do Refugiado. Reprodução/Instagram/Vila Minha Pátria

A parte psicológica é, hoje, o maior desafio para o projeto atender. “As famílias chegam muito estressadas, ficaram no aeroporto, saíram em situação de guerra, não é uma situação ‘fui turistar no Brasil’. São problemas sérios”, explica Lucas, intérprete e um dos responsáveis pela documentação do acolhidos.

Algumas famílias mesmo no Brasil continuam recebendo ameaças do Talibã, principalmente as que tinham ligação com o antigo governo ou as que têm um ente sob custódia do grupo radical. “É uma situação complicada, acompanhamos, ignoramos algumas mensagens, bloqueamos, às vezes tentamos um diálogo, porque não tem algo muito palpável que possamos fazer”, conta Jennifer, que relata que a Vila se tornou muito conhecida no Afeganistão e por isso já receberam mensagens de pessoas do movimento fundamentalista, nenhuma de ameaça propriamente, mas querendo saber o que acontece no projeto.

Essa somatória de fatores, o acompanhamento psicológico



seria muito importante para eles conseguirem recomeçar. O Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), da prefeitura,

Voluntária e Mona durante palestra do setembro amarelo.

Reprodução/Instagram/Vila Minha Pátria

disponibiliza psicólogos, mas o fato de precisar ter um intérprete torna todo o processo complicado, pois o acolhido precisa confiar em duas pessoas para se abrir. “A psicologia precisa acontecer no idioma da pessoa para dar certo, Só que não temos profissionais que falem o persa ou árabe para atendê-los”, diz Branda.

Enquanto tentam uma solução, trabalham mensalmente as cores dos meses associadas a campanhas como agosto lilás (combate à violência contra a mulher) e setembro amarelo (prevenção ao suicídio). Neste ano, por exemplo, foi feita uma palestra sobre autocuidado e valorização da vida, voltada para homens e mulheres refugiados. Alguns psicólogos também vão como voluntários e fazem rodas de conversa com os acolhidos em inglês.

Capítulo 6 - Islamismo, Cristianismo e a Convivência Religiosa

A Vila Minha Pátria é um projeto cristão, cuidado por evangélicos das Igrejas Batistas e de responsabilidade da Convenção Batista Brasileira. Enquanto os afegãos e palestinos são muçulmanos e seguem o islamismo. Duas religiões monoteístas, envolvidas em conflitos pelo mundo, mas que convivem juntas em Morungaba.

“Quando cheguei ao aeroporto tinha uma placa: ‘aqui não há discriminação’. Nós viemos para cá sabendo que eles são cristãos e eles nos receberam sabendo que somos muçulmanos. A equipe nos ama muito e cuida de nós do mesmo jeito. Não sentimos nada de discriminação, intolerância. E esse amor que os brasileiros têm, os muçulmanos não têm”, afirma Mirgan.

O psicólogo também garante que são livres na Vila para expressar sua fé e que ninguém implica com eles. Farhat concorda e completa que a equipe mostra um exemplo muito positivo: “Somos livres. Podemos professar nossa fé todos os dias, sem barreiras. Os cristãos nos mostram uma imagem

muito bonita que nos faz entender o que é o espírito de ajuda”.

O palestino lembra como foi o período do Ramadã (período em que os muçulmanos fazem jejum do nascer ao por do sol) na Vila e como foram acolhidos pelos voluntários: “Jennifer e a equipe nos ajudou a comprar as coisas e fizeram uma pequena mesquita para nós utilizarmos”.

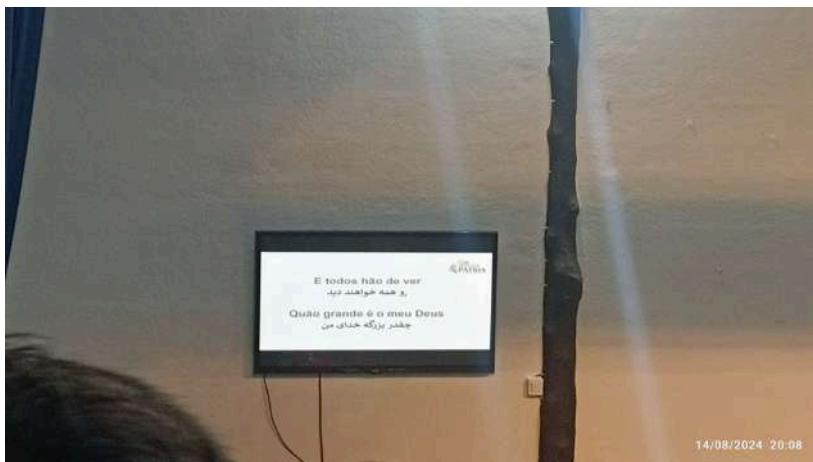
Para Jennifer o que proporciona essa convivência harmônica é o respeito mútuo: “Nós tratamos eles com muito respeito e eles também nos tratam. Eles sabem que somos cristãos, que temos alguns princípios que são inegociáveis e ambos se respeitam”.

Durante o Ramadã a Vila realizou adaptações nas rotinas para melhor atendê-los. Além da “pequena mesquita” criada para eles orarem juntos, serviam sopa para o desjejum às 18h e em seguida, o jantar. Eles comiam muito e levavam comida para os chalés para comer de madrugada.

Durante o dia o projeto ficava bem vazio, pois os acolhidos ficavam em casa rezando ou dormindo. A equipe e alguns refugiados cristãos seguiam a antiga rotina da Vila normalmente.

As crianças a partir dos 7 anos já participam do Ramadã, o que foi complicado para a equipe, pois elas iam para a escola e passavam mal lá. Então, as professoras ligavam para o projeto, para que fossem buscá-las.

Os voluntários também seguem suas práticas, com cultos aos domingos de manhã destinados à equipe e às quartas-feiras com tradução para o persa, além de devocional às terças e sextas pela manhã. A participação dos acolhidos não é algo imposto, e sim livre.



Letra da Música com tradução para o persa, para que os acolhidos possam entender. Crédito: Júlia Castanha

Alguns participam de todo o culto, outros participam somente na hora dos louvores, porque eles gostam muito de música e outros vão, olham como é, ficam um pouco e saem.

Como o trabalho é um braço missionário da Convenção Batista, então ele também busca mostrar o Evangelho de Jesus Cristo aos que ali estão. Mas, tudo é feito de forma indireta e sutil, é uma consequência do trabalho de acolhimento e não o principal objetivo.

Um exemplo, é quando os acolhidos chegam ao projeto e entendem que tudo que é feito ali, é sem nenhuma ajuda governamental, são pessoas que decidiram doar suas vidas para cuidar deles. E eles questionam o motivo da equipe acolhê-los sem receber nada em troca. A resposta? “Cremos em um Deus que ama e o amor d’Ele vai além das palavras”, e assim os voluntários mostram sua fé, pelas suas ações.

Alguns deles chegam ressabiados com o projeto ao saber que ele é cristão, pois acreditam que vão tentar catequizá-los e destruir sua cultura, mas quando chegam ficam surpresos com a hospitalidade.

“Aqui as ações falam mais alto, a ajuda nos é dada do ponto de vista do espírito de cooperação. A ajuda vem para

somar, e não por coisas materiais, vem do coração”, diz Farhat sobre o funcionamento da Vila.

Quando vêm voluntários temporários é um grande desafio para a equipe, pois alguns querem sair evangelizando os acolhidos, então, sempre que chegam grupos na Vila eles instruem para que não façam isso.

A partir do que vêm na Vila, alguns acolhidos pedem para estudar a Bíblia. Então, Mona dá aula para os que querem, eles chamam de discipulado, e acontece às terças e quintas-feiras. Alguns se tornaram cristãos mas não falam. Há



toda uma questão de sigilo, tanto da equipe quanto do acolhido, por medo da reação dos outros e uma possível perseguição.

Equipe e acolhidos juntos para o chá da tarde.

Crédito: Ana Cecília/Vila Minha Pátria

O trabalho que a Vila faz não mudou apenas a visão dos muçulmanos quanto aos evangélicos. David trabalha com a manutenção do projeto e costuma atuar com trabalhos sociais ligados à Igreja Católica: “Pra mim está sendo muito legal, porque eu achava que evangélico não fazia nada, só ficava dentro da igreja. Então, conhecer esse projeto, conhecer a Junta de Missões, mudou minha visão”.

“Jesus Cristo também foi estrangeiro, teve que se refugiar no Egito. Várias pessoas importantes da Bíblia foram refugiados, então temos que acolher, tratar bem, e não reclamar da vinda deles para o Brasil”, acrescenta David.

E apesar das diferenças das religiões, um acaba aprendendo com o outro e servindo de inspiração. Rani conta que sua experiência mais marcante foi quando uma palestina foi ajudar na cozinha e parou tudo o que estava fazendo para realizar sua oração. Aquilo fez a voluntária repensar sua fé e quais eram suas prioridades.

“Tem um vínculo muito grande entre o islã e o cristianismo e estando aqui juntos faz com que esse vínculo de amor cresça”, concluí Farhat.

Capítulo 7 - Brasil: um país de passagem

A Vila está alvoroçada a semana inteira; toda a equipe está na correria para terminar a mudança de Behnam, que será interiorizado e iniciará uma nova etapa de sua vida no Brasil.

Ele e a família são uma exceção, pois cerca de 99% dos acolhidos que vêm para o nosso país não se estabelecem nele, só o utilizando como uma preparação para o destino final

“Os afegãos têm muito o sonho americano, pela influência dos Estados Unidos no Afeganistão de mais de 20 anos. Então, eles têm muita vontade de ir, já falam inglês e até tem família morando lá”, explica Jennifer.

Apesar da maioria gostar do Brasil e do povo, o custo de vida é alto e normalmente as famílias são numerosas, com apenas o pai trabalhando. Então, ele vê o salário e percebe que não terá como sustentar a família.

Por isso, a maioria prefere migrar, pois ganhar em dólar é mais vantajoso do que em real, e eles precisam suprir a família e os que continuaram no Afeganistão. Como muitos

eram das Forças Armadas ou de um Ministério do Governo, o Talibã fica atrás de todos, então os familiares que continuaram lá precisam ficar escondidos, e com isso, não conseguem trabalhar.

O Brasil acaba sendo apenas um lugar de passagem para eles. Devido às facilidades para adentrar, torna-se atrativo no primeiro momento para eles deixarem o Afeganistão. Em solo brasileiro e com o Registro Nacional Migratório (RNM) em mãos eles podem transitar por um período aqui e juntar um pouco de dinheiro através dos benefícios do Governo ou de um trabalho, para ou seguir por rotas ilegais para os EUA (maioria) ou dar entrada no visto de forma legal (minoria).

A língua também é um fator que atrai os afegãos para os Estados Unidos: “Como eles falam inglês é melhor para eles irem para países que falam a língua, a fim de tentar posições melhores de trabalho. Aqui no Brasil, sem falar o português só vão conseguir trabalho braçal. E eles que passaram a vida trabalhando tomando decisões, ter que trabalhar carregando tijolo é muito duro”, afirma Branda.

O processo de aprender o português, ter o diploma validado e provar que é competente demora muito, e a

maioria não pode esperar tanto tempo, então, optam pela migração.

Isso é um dos motivos para a frequência das aulas serem baixas. Como a família entende que a estadia no Brasil é temporária, não se interessam em aprender o português, pois logo vão embora, o que causa uma grande rotatividade nas aulas.

Em agosto, antes das eleições estadunidenses, muitas famílias que estavam na Vila decidiram deixar o Brasil para tentar entrar nos EUA, antes que Trump fosse eleito, aproveitando que o presidente Biden afrouxou a fiscalização migratória em seu mandato. A decisão foi tão rápida, que as famílias deixaram para trás muitos de seus objetos pessoais como tapete de oração, Alcorão, caixa de som, secador e chapinha, para facilitar a viagem de travessia da fronteira.



Pertences deixadas por uma família que decidiu imigrar ilegalmente para os Estados Unidos. Crédito: Júlia Castanha

A equipe do projeto tenta convencê-los a ficar, mas depois que eles decidem, é muito difícil desistir, principalmente se alguém que eles conhecem já foi e conseguiu adentrar. Contudo, entrar no país não significa que irão permanecer, pois o presidente eleito já informou que irá deportar quem estiver ilegalmente em solo norte-americano.

Ao serem obrigados a sair do país deles, se tornaram nômades e desapegados. Então um dia estão aqui, mas se receberem uma proposta melhor, vão embora no dia seguinte. Diferente dos árabes, os afegãos não conseguiram formar uma comunidade no Brasil, então, nada os prende aqui.

Isso é um grande desafio no quesito de trabalho para os acolhidos, pois embora as empresas de Morungaba sejam bem receptivas, ocorrem muitos casos de evasão, em que eles simplesmente vão embora, abandonam o emprego, sem avisar o empregador.

Para os acolhidos serem interiorizados, essa questão é muito observada e conversada, para não ocorrer de instalarem a família e em seguida, resolverem ir embora.

A interiorização consiste na mudança da família da Vila para uma cidade no Brasil, tudo custeado por Igrejas Batistas

associadas à Convenção Batista Brasileira, e pode ocorrer de duas formas: através das Igrejas acolhedoras, que adotam e cuidam da família, ou apoiadoras, que apenas sustentam.

Branda explica que neste processo o primeiro passo é fazer o levantamento do perfil familiar após a família sinalizar para a coordenação o desejo de ser interiorizada, pois deseja recomeçar sua vida no Brasil.

A partir disto, Jennifer se aproxima e junto com a equipe começa a observar a família mais de perto para perceber se eles tem realmente o perfil, se querem mesmo ficar no Brasil, para não ocorrer da igreja fazer todo investimento, de passagem, deslocamento, aluguel de casa, se envolver emocionalmente e depois de um mês irem embora.

Com esse acompanhamento mais de perto eles começam um diálogo contando como é, quais seriam as possibilidades, se aceitariam ir para determinado estado, pois algumas famílias já chegam decididas para onde querem ir, enquanto outras se mostram mais abertas para ir a qualquer lugar.

Com tudo alinhado com os acolhidos, a Vila começa a fazer a ponte com a Igreja. No caso das acolhedoras, elas enviam um relatório social contendo os aspectos de saúde,

educação e outras informações que a equipe julga importante, para a Igreja ter ciência sobre qual perfil familiar ela irá receber.

Elas também são instruídas sobre as responsabilidades que terão, como: continuar as aulas de português mediante o recebimento do material enviado, ter uma família responsável por acompanhá-los, fazer a ponte com o sistema de saúde, ajudar na parte educacional, mercado e no que mais precisarem.



Crianças afegãs em uma escola particular em São Paulo, após a família ser interiorizada.

Reprodução/Instagram/Vila Minha Pátria

Já com as Igrejas apoiadoras elas financiam, mas a família não precisa estar perto da igreja, ela continua em Morungaba, onde está mais adaptada, e a igreja envia cerca de R\$ 2 mil por mês que será utilizado para ajudar nas despesas da família em sua nova casa, enquanto a Vila continua dando o suporte e cuidado. Esta forma de interiorização ocorre mais com famílias que já trabalham e precisam de um complemento de renda em um primeiro momento para se manter.

Nestes dois anos de projeto, 28 famílias foram interiorizadas, totalizando 102 pessoas, e todas são lembradas na parede de fotos localizada na recepção, atrás da mesa de Branda.

Não existe tempo máximo para os acolhidos ficarem na Vila. Eles podem ficar o quanto quiserem, mas é muito difícil ficarem mais de um ano lá, pois acabam migrando ou interiorizando. Neste segundo caso, Jennifer recomenda um tempo médio de 6 a 10 meses para iniciar o processo, pois é o tempo ideal para regularizar a documentação, eles aprenderem o básico do português e entenderem a cultura.

Farhat e sua família desejam seguir suas vidas no Brasil. Com quase um ano em Morungaba, ele já sinalizou à equipe o seu desejo de ser interiorizado. “Por enquanto não pensamos

em voltar para a Gaza, por causa da guerra, lá não há vida. Nós queremos começar uma empresa aqui. Não podemos depender dos outros para ter sucesso, precisamos depender de nós mesmos. Mas precisamos de ajudas dos amigos aqui para dar os primeiros passos”, contou o palestino sobre os planos futuros.

Behnam, que foi interiorizado em agosto, estava prestes a completar um ano na Vila. Ele chegou ao Brasil após ficar dois anos no Paquistão e veio para o país já sabendo sobre o projeto da Junta, junto com a esposa e três filhos - o quarto nasceu em solo brasileiro. No Afeganistão era militar e trabalhou quase dois anos com o exército dos EUA

Eles se mudaram para Morungaba por meio da ajuda de uma Igreja Apoiadora. Em um primeiro momento, sua família seria acolhida por um grupo de igrejas do Recife, mas o processo demorou e outra família que já estava interiorizada decidiu migrar. Então, eles assumiram a vaga e puderam dar início ao seu recomeço com o suporte da Vila.

“Foi muito difícil sair da Vila pois estava acostumado com todo mundo, mas precisávamos começar de algum lugar para viver no Brasil”, conta o afegão que afirma gostar muito da cultura brasileira e que já está acostumado com o país.

Capítulo 8 - Vila Minha Pátria até quando?

Em 11 de agosto um imigrante vindo de Gana passou mal no Aeroporto de Guarulhos e morreu dois dias depois decorrente de um infarto. Segundo a PF, ele estava no Brasil desde 8 de agosto “na condição de inadmitido em área restrita, em razão de não possuir os documentos necessários para ingresso no país”.

O ocorrido fez o Governo mudar as regras para a entrada de refugiados no país. “A partir de agora as ONGs farão um chamamento direto dos refugiados e eles só vão conseguir vir



para o Brasil se forem convidados. Nós iremos nos responsabilizar por eles e eles não vão ficar mais no aeroporto, pois já terão um lugar para vir. A organização faz o convite e só depois o governo emite o visto”, explica Jennifer.

Acolhida falando durante a Semana Especial do Dia Mundial do Refugiado. Reprodução/Instagram/Vila Minha Pátria

A Agência da ONU para Refugiados (ACNUR) explica que o edital de chamada pública nº 01/2024, lançado em 3 de setembro de 2024, pelo Ministério da Justiça e Segurança Pública tem o intuito de “selecionar as organizações da sociedade civil interessadas em apoiar no Brasil a aceitação e a integração local das pessoas afetadas pela crise humanitária no Afeganistão”.

Para participar as organizações já devem estar legalmente constituídas e precisaram enviar uma proposta ao Ministério da Justiça e Segurança Pública, que fará a seleção.

A Vila se inscreveu no edital para continuar recebendo e acolhendo os afegãos, o que o projeto deseja continuar fazendo, segundo Jennifer, “pelo tempo que Deus permitir”. Gilmar concedeu o espaço por cinco anos, mas já sinalizou que se for de interesse da Junta, ele renova a concessão do espaço.

Jennifer afirma que o desejo deles é seguir ali e não pretendem criar um novo projeto deste porte, pois além de exigir um investimento muito alto, trata de um tema sensível, o que exige pessoas treinadas e capacitadas para fazer o acolhimento.

“Nosso plano é continuar acolhendo as nacionalidades que chegam, somos um campo de refugiados. Queremos manter esse número de acolhidos, pois é uma quantidade relevante e que nos permite cuidar de maneira próxima”, afirma a coordenadora que deseja que a Vila continue sendo referência no acolhimento no Brasil.

Entre melhorias no projeto, eles querem desenvolver melhorias na parte da comunicação e no apoio ao desenvolvimento deles para que consigam ter autonomia no Brasil e qualidade de vida, para recomeçar.

“Estamos muito felizes aqui na Vila. Fomos muito bem acolhidos e a equipe da Vila nos ama muito e nos trata muito bem. Temos família pela Europa e todos falam mal do comportamento do povo. Aqui no Brasil recebemos muito amor e carinho e isso é muito bom”, declara Mirgan.

Epílogo

São 20h de uma quarta-feira, equipe e acolhidos vão em direção ao auditório após jantarem. O horário indica que o culto está prestes a começar, e esse terá um momento muito especial: a despedida da família de Behnam que será interiorizada.

O auditório conta com cadeiras semelhantes às de um estádio de futebol, todas azuis e posicionadas em degraus. Na frente do espaço tem três bandeiras hasteadas: Brasil, Afeganistão e Palestina.



Culto de despedida de Behnam e sua família. Crédito: Júlia Castanha

Jennifer dá a abertura e em seguida os voluntários cantam três louvores em português, mas com a TV mostrando a tradução para o persa. Os acolhidos gostam bastante desse momento e estão sempre com o celular em mãos gravando as músicas.

Depois, vem o momento da pregação. Um dos missionários lê um texto bíblico e prega sobre o amor de Deus. Mona faz a tradução simultânea para o persa e o inglês, para que eles consigam entender.

Para terminar, eles chamam a família de Behnam ali na frente. Antes de ter vindo para o Brasil, eles já tinham ouvido falar de Jesus no Afeganistão e quando chegaram na Vila, quiseram aprender mais e se converteram ao cristianismo. A esposa já não usa mais hijab, e se veste com roupas típicas do Brasil (calça e camiseta); ele, mais abrigado também, veste calça e camisa social.

“Boa noite! Hoje estou feliz porque estou entrando em uma nova etapa da minha vida, mas estou triste por não estar mais com vocês. Eu sei que isso não é um adeus, mas sim, até logo. Espero que um dia eu possa ser um servo aqui na Vila também”, começa Behnam em seu discurso de despedida todo em português.

“Aqui eu vi e vivi o amor verdadeiro e incondicional ao meu povo. A minha vida foi transformada por esse amor verdadeiro e com certeza vou ensinar isso aos meus filhos. Vocês me ensinaram a Palavra de Deus, o tesouro mais precioso da minha vida, que me transformou”, continuou o afegão.

Em seguida, ele agradeceu aos voluntários nominalmente por toda a ajuda que receberam na Vila, que para ele se tornou “um pequeno Afeganistão”, e entregou uma cesta com chocolates para a equipe nas mãos da Jennifer.

Após o discurso, a Vila projeta um vídeo com momentos da família no projeto. Enquanto as imagens passavam, os voluntários se emocionavam e os outros acolhidos aplaudiam e gravavam o momento.

“Eles chegam com muitas cargas, mas depois de um tempo eles acabam quebrando barreiras, crescendo, evoluindo. É muito bom ver não quando a família chega, mas ver o processo de evolução, é impagável”, afirma Lucas ao relembrar a trajetória da família de Behnam.

O momento termina com todos se deslocando até a frente para abraçar a família, ainda predominantemente mulheres

abraçando a esposa, e os homens, Behnam, mas agora já com algumas transições entre as famílias.

Enquanto todos se abraçam e se despedem, a equipe canta uma música final:

*“Que Deus lhe envolva em Seu amor
E a paz encharque o coração
E até nos vermos outra vez
Que Deus lhe guarde em sua mão”*

Mais informações sobre o projeto acesse:
<https://www.instagram.com/vilaminhapatria/>

Referências

AZEVEDO, Alúcio. O Cortiço. Via Leitura.

CASTRO, Ana Flávia. Afegãos refugiados lutam para viver e manter a religião longe de casa. Metrôpoles, 21 de abril de 2023. Disponível em:

<https://www.metropoles.com/brasil/afegaos-refugiados-lutam-p-ara-viver-e-manter-a-religiao-longo-de-casa>. Acesso em: 13 de outubro de 2024

Janja visita base de acolhimento a repatriados e refugiados em SP. Poder 260. Disponível em:

<https://www.poder360.com.br/poder-gente/janja-visita-base-de-acolhimento-a-repatriados-e-refugiados-em-sp/>. Acesso em: 11 de outubro de 2024

Acolhida pessoas refugiadas afegãs. ACNUR. Disponível em:

<https://www.acnur.org/br/media/acolhida-pessoas-refugiadas-a-fegas-vf-2-pdf>. Acesso em: 10 de outubro de 2024

MANSO, Bruno Paes. A fé e o fuzil: Crime e religião no Brasil do século XXI. 1ª edição. Todavia, 2023.

Acolhida pessoas refugiadas afegãs - Julho 2024. ACNUR. Disponível em:

<https://www.acnur.org/br/media/pt-jul24-acolhida-de-pessoas-refugiadas-afegas-pdf>. Acesso em: 11 de outubro de 2024.

Vila Minha Pátria: um lugar de paz e esperança para uma nova vida. JUNTA DE MISSÕES NACIONAIS. Disponível em: <https://missoesnacionais.org.br/noticias/vila-minha-patria-um-l>

[ugar-de-paz-e-esperanca-para-uma-nova-vida/](#). Acesso em 11 de outubro de 2024.

Vila Minha Pátria. JUNTA DE MISSÕES NACIONAIS.

Disponível em:

<https://missoesnacionais.org.br/noticias/vila-minha-patria/>.

Acesso em 10 de outubro de 2024.

Afeganistão. ACNUR. Disponível em:

<https://www.acnur.org/br/emergencias/afeganistao#:~:text=Desde%20%20de%20dezembro%20de,reconhecimento%20da%20condi%C3%A7%C3%A3o%20de%20refugiado>. Acesso

em 10 de outubro de 2024.

Informativos para a população afegã. ACNUR. Disponível em:

<https://help.unhcr.org/brazil/informativos-para-a-populacao-afegaa/>. Acesso em: 10 de outubro de 2024.

SALES, Bruna. Retido em área restrita, imigrante morre após passar mal em aeroporto. Metrôpoles. 20 de agosto de 2024.

Disponível em:

<https://www.metropoles.com/sao-paulo/retido-em-area-restrita-imigrante-morre-apos-passar-mal-em-aeroporto>. Acesso em:

10 de outubro de 2024.

BARREIRA, Paulo. Parlamentares debatem situação de refugiados no Aeroporto de Guarulhos. Rádio Senado. 16 de agosto de 2024. Disponível em:

<https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2024/08/16/parlamentares-debatem-situacao-de-refugiados-no-aeroporto-de-guarulhos>. Acesso em 11 de outubro de 2024.

Crise no Aeroporto de Guarulhos: aumentam refugiados pedindo abrigo. Band News. 28 de junho de 2024. Disponível em:

<https://www.band.uol.com.br/bandnews-fm/videos/crise-no-aeroporto-de-guarulhos-aumentam-refugiados-pedindo-abrigo-17263604>. Acesso em 11 de outubro de 2024.

LIN, Nelson. Mais de 140 afegãos estão acampados em aeroporto de São Paulo. Agência Brasil. 27 de novembro de 2024. Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-11/mais-de-140-afegaos-estao-acampados-em-aeroporto-de-sao-paulo#:~:text=Atualmente%2C%20mais%20de%20140%20refugiados,kits%20de%20higiene%20e%20cobertores.>

Acesso em: 11 de outubro de 2024.

Radical Brasil. Junta de Missões Nacionais. Disponível em:

<https://missoesnacionais.org.br/plantacao-de-igrejas/radical-brasil/>. Acesso em: 10 de outubro de 2024.

Edital Missionário Radical 2024. Junta de Missões Nacionais. Disponível em:

https://missoesnacionais.org.br/wp-content/uploads/2024/05/Edital-Radical-Brasil-2024.2-v.4_compressed.pdf. Acesso em: 10 de outubro de 2024.